

## O PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM SOB O OLHAR DE ACADÊMICAS INDÍGENAS, OIAPOQUE/AMAPÁ

*Luiz Eduardo Paulino da Silva<sup>1</sup>*

*Rivane Figueiredo Narciso<sup>2</sup>*

*Tatiane Gomes Moraes<sup>3</sup>*

### RESUMO

A família e a escola devem caminhar lado a lado quando se refere ao processo de aprendizagem da criança, pois essas instituições são a base para uma formação sólida e eficaz do sujeito. Assim, o objetivo geral deste trabalho foi analisar o papel da família e da escola no processo de ensino e aprendizagem dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental a partir das experiências vividas e das teorias estudadas no trajeto da graduação. A educação cumpre um papel fundamental na formação do aluno para uma vivência social, cultural e religiosa. Portanto, um desafio marcante e persistente no cenário educacional é a presença e a participação da família na escola, sobretudo nos anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisa é de cunho bibliográfico e descreve, a partir de teóricos, sobre a temática e as narrativas de nossas experiências vivenciadas na trajetória acadêmica, dialogando com autores que discutem a importância da família e da escola na aprendizagem da criança, como Alves (1994); Andrade, Nicolau e Machado (2015); Carvalho (2000); Franco (2016); Jerônimo e Duarte (2016); e Picanço (2012), entre outros. O distanciamento entre família e escola atrapalha o desenvolvimento das habilidades cognitivas das crianças e influencia negativamente o percurso educacional e a formação de um sujeito crítico-reflexivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aprendizagem. Família. Escola.

### THE ROLE OF FAMILY AND SCHOOL IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS OF STUDENTS IN THE EARLY YEARS

### ABSTRACT

Family and school should work side-by-side when it regards the learning process of children, as those institutions are the foundation for ensuring that a person has a solid and effective upbringing. This paper's general goal is to study the roles of family and school in the learning process for primary school students based on the lived experiences and studied theories in the graduation path. Education plays a fundamental role in a student's preparation for their social, cultural and religious life. Therefore, family participation in school is a notable and persistent challenge in the educational landscape, especially in primary school. This paper is bibliographical in nature and describes, based on theorists, the themes and narratives of our lived

---

<sup>1</sup> Doutor, Universidade Federal do Amapá. E-mail: [lepscat@gmail.com](mailto:lepscat@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduada, Universidade Federal do Amapá. E-mail: [rivanefigueiredo6@gmail.com](mailto:rivanefigueiredo6@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduada, Universidade Federal do Amapá. E-mail: [tatianegomesmoraes5555@gmail.com](mailto:tatianegomesmoraes5555@gmail.com)

experiences in academia, dialoguing with authors who discuss the importance of family and school in childrens' education, such as Alves (1994); Andrade, Nicolau and Machado (2015); Carvalho (2000); Franco (2016); Jerônimo; Duarte (2016); and Picanço (2012), among others. The distancing between family and school hinders the development of children's cognitive skills and negatively influences the educational path and schooling of a critical-reflexive individual.

**KEYWORDS:** Learning. Family. School.

## 1 INTRODUÇÃO

É no lugar de origem familiar que a criança inicia o processo de ensino e aprendizagem, seja no andar, falar, brincar, correr, ou até mesmo nas experiências narradas pelos mais velhos. Contudo, a família por si só não dá conta desse processo de ensino e aprendizagem, surgindo assim a escola para fazer a conexão para o desenvolvimento intelectual do sujeito. Segundo Vinha (2016, p. 1), “Em nossa sociedade, escola e família são as duas principais instituições responsáveis pela formação do ser humano”.

Neste trabalho, será dissertado sobre o papel da família e da escola no processo de ensino e aprendizagem dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Enquanto acadêmicas de licenciatura em Pedagogia do *Campus* Binacional, refletimos ao longo do curso, em específico nas Práticas Pedagógicas e nos Estágios Supervisionados, sobre o papel da família e da escola como instituições de educação e cuidado.

Assim, o objetivo geral deste trabalho foi analisar o papel da família e da escola no processo de ensino e aprendizagem dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental a partir das experiências vividas nas práticas pedagógicas e das discussões derivadas do percurso da graduação. Para dar sustentabilidade ao nosso objetivo geral, elencamos os seguintes objetivos específicos: refletir a importância da família no processo de aprendizagem das crianças; identificar o papel da escola sobre as dificuldades de aprendizagem dos alunos; e apresentar sugestões de práticas pedagógicas conectadas com a família e a escola.

A educação cumpre um papel fundamental na formação do aluno para uma vivência social, cultural e religiosa, e um desafio marcante e persistente no cenário educacional é a presença e a participação da família na escola, sobretudo nos anos iniciais do ensino fundamental. O distanciamento entre família e escola atrapalha o desenvolvimento das habilidades cognitivas das

crianças e influencia negativamente o percurso educacional e a formação de um sujeito crítico-reflexivo.

Nessa perspectiva, entendemos que especialistas, pedagogos e psicólogos dialogam sobre a presença da família na escola, na tentativa de contribuir nos fatores cognitivos, físicos, sociais e emocionais das crianças. Partindo desse entendimento, fazemos alguns questionamentos: o distanciamento da família para com a escola dificulta o processo de ensino e aprendizagem das crianças? A participação da família na escola contribui para o processo evolutivo de ensino e aprendizagem? A família é uma instituição de educar, tão quanto a escola? Esses e outros questionamentos serão respondidos no decorrer do trabalho.

Partimos, então, da hipótese de que o fato de a família se afastar do ambiente escolar contribui para as dificuldades de aprendizagem dos alunos, pois quanto mais houver essa conexão melhor será a relação família e escola e a possibilidade de sanar as dificuldades, garantindo assim o sucesso de aprendizagem dos alunos.

Portanto, este trabalho tem relevância por tratar de uma temática atual na sociedade, já que é preciso refletir sobre as dificuldades enfrentadas pelos alunos em seu desenvolvimento educacional quando a família não participa das atividades escolares. A percepção dessas dificuldades é o primeiro passo para o desenvolvimento de intervenções pedagógicas eficazes que auxiliem os alunos a superar os desafios e a alcançar seu potencial.

Isso é relevante não apenas para os educadores e pesquisadores, mas sobretudo para a comunidade escolar, que poderá refletir sobre as dificuldades da aprendizagem das crianças quando a família está ausente da escola, distinguindo possíveis soluções para uma educação humanizada. Este estudo contribuirá para uma reflexão sobre a necessidade da promoção de um ambiente educacional mais inclusivo, em que a escola dialogue sobre a temática e resgate a família levando-a para dentro desse espaço chamado instituição educacional.

Para melhor compreensão sobre os estudos acerca da temática e para responder os objetivos propostos, adotamos uma pesquisa de caráter bibliográfico e de cunho qualitativo. A pesquisa bibliográfica serve para que o pesquisador possa dialogar com os teóricos, opinando a partir de uma temática, não se tratando de mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, visto que propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras (Lakatos; Marconi; Presotto, 2019).

Por ser um trabalho de cunho bibliográfico, colocamos em diálogo as narrativas a partir de nossas experiências vivenciadas na trajetória acadêmica com autores que discutem a importância da

família e da escola na aprendizagem da criança, como Alves (1994); Andrade, Nicolau e Machado (2015); Carvalho (2000); Franco (2016); Jerônimo e Duarte (2016); e Picanço (2012), entre outros.

Pretendemos apontar elementos para a prática pedagógica educativa de forma que a criança se sinta valorizada e acolhida dentro da escola, esperando contribuir para a melhoria da qualidade da educação e promovendo uma aprendizagem significativa para outras pesquisas.

Para melhor compreensão, este trabalho, além da introdução, foi dividido em quatro capítulos *Escrita de si: lugar de fala e o interesse pela temática; As dificuldades de aprendizagem da criança; A atuação da família e da escola na formação da criança; e Família e escola conexas com as práticas pedagógicas*. Por fim, serão apresentadas as considerações finais e as referências que fundamentaram nossa pesquisa.

## 2 ESCRITA DE SI: LUGAR DE FALA E O INTERESSE PELA TEMÁTICA

A escrita de si é compreendida como um gênero narrativo em que o indivíduo, como primeira pessoa, se identifica no texto como o autor biográfico. Partindo de um fragmento ou de um todo, o importante nessa escrita é o sujeito narrar a si mesmo, trazer uma experiência vivida, dar um sentido à existência e descrever, para conhecimento do leitor, a identidade do escritor.

A busca de reconstituição dos fragmentos do eu, configurada pela narrativa autobiográfica, corresponde a várias tentativas empreendidas por parte do sujeito que narra a si mesmo, no sentido de organizar a experiência vivida, de dar um sentido à sua existência e, em última instância, de fixar a própria identidade (Miranda, 2019, p. 28).

Neste capítulo, trazemos a escrita de nós, mulheres, indígenas, mães, concluintes do curso de licenciatura em pedagogia, aguerridas, que lutam e labutam na vida. Gostamos da aldeia, da floresta, do rio, do canto do pássaro, temos muitas coisas em comum, porém nossos sonhos e trajetórias caminham paralelos, com alguns apontamentos pelos quais chegamos ao consenso do objeto deste estudo.

### 2.1 Rivane Figueiredo Narciso

Resido na aldeia Kumarumã, pertencente à Terra Uaçá, da etnia Galibi Marworno. Estudei na Escola Estadual Camilo Narciso, única escola que existia na época. No ensino fundamental, os professores escreviam no quadro com giz branco, explicavam o conteúdo, e eu, às vezes, não conseguia entender o raciocínio dos docentes, e muitos não eram afetuosos em suas falas.

Portanto, não sentia prazer em estar na escola ou até mesmo em copiar o texto do quadro, preferia desenhar e pintar. Às vezes, os professores não davam atenção e os conteúdos eram

expostos sem relação com a realidade dos educandos, apenas para memorizar e repetir, e esse ritmo era o grande obstáculo, pois o conteúdo não era claro para a minha compreensão. Freire (2015) diz que a educação bancária não permite que o educando reflita, não valorizando as ideias do aluno, unicamente prevalecendo o saber docente.

Assim, Freire (2012, p. 63) ressalta que “Não há saber mais ou saber menos. Há saberes diferentes” que precisam dialogar. A fala do autor refere-se aos diferentes tipos de saberes e fazeres que cada pessoa carrega, sendo necessário o diálogo.

Ainda relembro que os professores não davam atenção individualizada. Quando eu informava que não compreendia o conteúdo, eles repetiam a explicação sem nenhuma contextualização, e muitos nem dirimiam as dúvidas, dizendo que já haviam explicado. Por esse e outros motivos obtive muitas dificuldades na aprendizagem. Abreu et al (1998) anuncia que:

O professor é um profissional que na sua atuação "ensina" valores, sejam eles ligados aos próprios conteúdos escolares, sejam referentes as questões sociais que permeiam toda ação educativa. Ele se posiciona em atos e incentiva atitudes, influencia as relações de respeito e a construção de autoestima dos alunos. O professor educa e cuida. [...] considerando a importância dos alunos estabelecerem uma relação de disponibilidade e ousadia com o ato de aprender, cabe ao professor estar atento no empenho de cada um em suas aprendizagens (Abreu, et al. 1998, p. 43).

Certamente, o professor é um elemento essencial na vida dos alunos, ele pode instigá-los a fazerem novas descobertas, a estarem atentos, serem interessados pela aprendizagem e interajam com outros alunos. O professor não deve se direcionar atenciosamente somente aos alunos que tenham um bom desempenho, mas principalmente àqueles que apresentam dificuldades na aprendizagem.

Com a falta de estímulo por parte dos professores, encontrei em um dos meus irmãos o estímulo para estudar, pois, quando tinha um tempinho, ele me auxiliava com a lição de casa, já que ele também estudava. Lembro-me que quando meu irmão dizia “quero lhe ver formada em alguma profissão” eu me sentia incapaz, por causa das dificuldades. Os meus pais não estavam tão presentes na minha infância, pois trabalhavam na roça, fazendo farinha para vender, e por esse motivo não tinham tempo para me acompanhar nas atividades. Porém, mesmo sem estarem presentes, sempre me motivaram a seguir, buscando melhorias pelos estudos. Alves (2004) afirma que “[...] Os mundos das crianças são imensos! Sua sede não se mata bebendo a água de um mesmo ribeirão! Querem águas de rios, lagos, lagoas, fontes, minas, chuva, poças d’água” (Alves, 2004, p. 16).

Alves (1994, p. 49) nos faz refletir sobre o mundo das crianças, em que [...] “os sonhos que saem das crianças não são os sonhos que os adultos sonham. Os sonhos que brotam das crianças colocam os nossos de cabeça para baixo. E que pai e que mãe não se horroriza ante esta possibilidade?”.

Nessa perspectiva, o pensar de uma criança não se compara ao de um adulto, uma criança almeja conhecer, explorar coisas diferentes, de acordo com o seu interesse e desejo. Contudo, as minhas expectativas eram de aprender a ler e escrever bem o português, para compreender melhor outras culturas. Gostava de desenhar e pintar, criar estorinhas de animais e de outras coisas da natureza, flores, insetos etc. A imaginação de uma criança é mágica, é assim que ela observa o mundo que a cerca. Por isso os pais e educadores devem valorizar, reconhecer e respeitar a imaginação das crianças, mesmo que pareça ilusória, pois é importante no engajamento do ensino e aprendizagem quando família e escola constroem juntas novos conhecimentos.

No ensino médio, as dificuldades persistiram e eu me lembrava das palavras de meu irmão: “não desista!”. Mesmo sem ter um objetivo, escutava-o dizer: “não pare, mais adiante surgirão as oportunidades!”. Continuei estudando sem nenhum objetivo. Na aldeia, as aulas para o ensino médio duravam trinta dias, eu achava difícil esse formato de ensino. Em 2015 desisti, no 1º ano, para fazer um curso de missões evangélicas, e nos mudamos para a cidade de Oiapoque, o motivo maior dessa mudança foi a necessidade de concluir os estudos, pois a falta de professores na aldeia era um problema constante. Após a conclusão do curso de missões evangélicas, voltei a cursar o ensino médio regular, na escola Joaquim Nabuco, continuando o 1º ano. No entanto, concluí o 2º e o 3º ano no EJA, na Escola Joaquim Caetano da Silva, em 2017.

Após o ensino médio, eu almejava cursar licenciatura em Arte, mas esse curso não é oferecido no *campus* Binacional, de forma que, no ano de 2018, prestei o processo seletivo e fui classificada para o curso de licenciatura em Pedagogia. Meu irmão ficou maravilhado e, mesmo sabendo que a Pedagogia não era minha primeira opção, me apoiou, dizendo: “você vai encontrar muitas dificuldades e ouvir muitas palavras negativas, mas continue, faz parte da vida, o que importa é que estarás evoluindo como uma cidadã, tornando-se uma mulher resiliente”.

Confesso que fiquei feliz, mas com receio de como seria a vida universitária. No primeiro semestre, fiquei perdida com os conteúdos, e no trajeto acadêmico surgiram algumas lacunas, mas graças ao auxílio de alguns professores fui compreendida. Mesmo receosa pelo julgamento de alguns colegas de sala, não desanimei, prossegui lembrando das palavras de meu irmão e do apoio de meus pais, principalmente na questão financeira.

Quando iniciei o primeiro estágio, estava um pouco assustada por conhecer a realidade escolar numa sala de aula. Ao observar a dinâmica do professor e o comportamento dos alunos, percebi que as crianças precisavam de um acompanhamento específico porque apresentavam muitas dificuldades. Certa vez, uma criança me confidenciou que seus pais viviam em confusão, não davam atenção às tarefas da escola por falta de tempo, disse ainda estar muito triste com essa situação. O menino faltava muitas aulas, apesar de morar perto da escola.

De acordo com o regulamento do estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Pedagogia, 2019, no capítulo I:

Art. 1º Estágio é um modo especial de capacitação, caracterizado por conjunto de atividades de prática pré-profissional, exercidas pelo acadêmico em ambientes escolares e não escolares, oportunizando ao discente relacionar teoria e prática, sob supervisão, e que possibilita a apreensão de informações sobre o mercado de trabalho, desenvolvimento de conhecimentos e habilidades específicas à formação profissional, e ainda, aperfeiçoamento cultural e de relacionamento humano.

O estágio, para preparar o futuro profissional da área, traz a realidade educacional e faz com que nos deparemos com problemas familiares, dificuldades na aprendizagem em várias categorias e outras situações escolares. Com o tempo o receio foi diminuindo, e a experiência do primeiro estágio fez com que eu me lembrasse de situações vividas na infância.

Em todos os estágios observei que as crianças apresentavam dificuldades na leitura e na escrita, algumas apresentavam dificuldades específicas que necessitavam de mais atenção, precisando desenvolver as habilidades na escrita e leitura com auxílio dos pais. Algumas metodologias utilizadas pelos professores não atendiam às necessidades que muitas crianças tinham, às vezes os alunos que apresentavam dificuldade eram esquecidos pelo professor, e o foco era naquelas crianças mais evoluídas.

Fui percebendo que essa situação fazia com que os alunos atrasassem o ensino e, mesmo não ficando reprovados, seguiam adiante com grandes dificuldades. A partir de então, vi a necessidade de pesquisar mais a fundo a respeito dessa temática que envolve, de maneira particular, a família. E quando ela está distante deixando a responsabilidade recair sobre os professores, o ensino começa a ter outros caminhos que não levam à aprendizagem.

Atualmente, graças a Deus e ao constante conselho de meus pais e familiares e com persistência, sigo rumo à educação que liberta da ignorância e do eu, podendo enxergar que o ser humano é um ser social e evolutivo, desde que a educação seja permitida e compreendida por ele. Nesse sentido, entendi que para ter um bom desempenho escolar é necessário que haja uma conexão entre família e escola nessa jornada.

Durante todo o percurso acadêmico houve muitas dificuldades no entendimento das disciplinas, bem como na socialização entre colegas, assim também como nos estágios, porém as experiências que vivi em cada escola foram únicas e me proporcionaram ver a profissão de um professor e a vida de um aluno de creche e pré-escolar em sua totalidade, me moldando para que eu seja uma pessoa autônoma e corajosa. Faz sentido quando Paulo Freire (1967) diz que não existe educação fora da existência humana, isso porque apenas o ser humano é capaz de ser humanizado.

Nessa concepção, Paulo Freire afirma que “A sua grande luta vem sendo, através dos tempos, a de superar os fatores que o fazem acomodado ou ajustado. É a luta por sua humanização, ameaçada constantemente pela opressão que o esmaga, quase sempre até sendo feita e isso é o mais doloroso em nome de sua própria libertação” (Freire, 1967, p. 42). Veja que o homem tem buscado a transformação através da educação, deixando ou fugindo de uma educação opressora para viver a educação democrática.

## 2.2 Tatiane Gomes Moraes

Resido na aldeia Santa Izabel, pertencço a etnia karipuna, que fica à margem do rio Curipi, sou casada com um homem não indígena e temos duas filhas. Venho de uma família ampla, meus pais tiveram dez filhos, dois meninos e oito meninas, e todos construíram família na aldeia, apenas eu e mais três irmãs viemos para cidade ainda jovens.

Na aldeia, a Escola Manoel Primo dos Santos oferece o ensino infantil até o ensino médio. Através do estágio tive a oportunidade de conhecer a realidade dessa escola e fiquei assustada com as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos. A partir dessas vivências e experiências, minha curiosidade foi despertada para conhecer melhor essa problemática.

A família de minha mãe sempre residiu na aldeia, e a de meu pai sempre morou na cidade, quando meus irmãos mais velhos se casaram, meus pais se mudaram para a cidade, a procura de estudo para mim e minhas irmãs. Assim, com 8 anos de idade fui residir na cidade, e apesar das dificuldades financeiras e do analfabetismo de meus pais, eles sempre batalharam para que eu e minhas irmãs estudássemos.

Para que possamos obter uma educação mais formal na vida é preciso ir em busca dela onde quer que ela esteja, e assim alcançar o saber melhor e o fazer bem, porque é através da educação que é possível a mudança da mente e a formação social do ser humano.

Na concepção de meus pais, apenas com estudo teríamos um futuro melhor. Quando eu completei 18 anos, meu pai faleceu de diabetes, foi-se uma parte de mim, ele era meu maior

incentivador nos estudos. Depois me casei e meu esposo sempre me apoiou nos estudos. Dos dez filhos de meus pais, sou a primeira e única filha que conseguiu entrar na universidade, atualmente pedagoga.

Recordo-me de tantas lutas, dificuldades e medo que enfrentei tanto na minha família quanto na faculdade, mas acredito que tudo foi superado no curso de Pedagogia, e atualmente sou formada e muito grata pela vida dos professores por terem me ajudado durante o curso.

### 3. AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

As dificuldades de aprendizagem são uma realidade que muitos alunos enfrentam ao longo de sua trajetória educacional, e essas dificuldades não se restringem apenas ao ambiente escolar, mas também permeiam a dinâmica familiar e a relação do aluno com o mundo ao seu redor (Andrade; Nicolau; Machado, 2015).

Nessa perspectiva, as dificuldades de aprendizagem de muitos alunos permeiam as objeções cognitivas e motoras que vivenciam, como dislalia<sup>4</sup>, discalculia<sup>5</sup>, disortografia<sup>6</sup>, TDAH<sup>7</sup> e outras que surgem desde ou após o nascimento. Por isso a família e a escola precisam ter o olhar sensível para identificar as dificuldades específicas dos educandos e, a partir das reuniões de conselho, conduzir as crianças a especialistas conhecedores da causa.

Portanto, se as deficiências do sujeito não forem identificadas no início podem interferir no processo de aprendizagem de toda sua trajetória. Quanto mais cedo houver um diagnóstico conciso, mais o sujeito terá como desempenhar suas habilidades. É cabível, então, refletirmos sobre um dos fatores que causam a dificuldade de aprendizagem da criança, ou seja, a ausência de acompanhamento da família nas atividades escolares dos filhos, pois essa desatenção faz com que a criança perca o interesse de estudar, sentindo-se desvalorizada e até mesmo desamparada, sem o acompanhamento dos responsáveis.

---

<sup>4</sup> Dislalia é um distúrbio fonológico caracterizado pela inadequação dos sons e das regras fonológicas. A pessoa com desvio fonológico não tem bom desempenho em atividades relacionadas à memória; por isso, possui dificuldade em reconhecer as letras [...]. Crianças que têm alterações na fala têm 30% mais chance de repetir o ano, se comparadas com crianças sem alterações na fala (Goulart; Chiari, 2014 citado por Educação pública, 2021).

<sup>5</sup> A discalculia é uma dificuldade de aprendizagem que envolve números. Afeta a capacidade de adquirir habilidades matemáticas e compreender seus conceitos, comprometendo o desenvolvimento das atividades escolares e das tarefas cotidianas que envolvem cálculos (Hudson, 2019 citado por Educação pública, 2021).

<sup>6</sup> A disortografia é um transtorno específico de aprendizagem que afeta a habilidade de escrever corretamente, caracterizada pela presença persistente de erros de ortografia e gramática em indivíduos que, de outra forma, possuem inteligência e habilidades cognitivas normais (Lima, 2014).

<sup>7</sup> O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é uma condição neuropsiquiátrica que afeta a capacidade de uma pessoa regular a atenção, o controle de impulsos e o comportamento. O TDAH é comumente diagnosticado na infância, mas pode persistir na adolescência e na idade adulta (Jerônimo; Duarte, 2016).

É notório que quando a família participa ativamente das atividades escolares, estando presente na aprendizagem dos filhos, o processo educativo tem outra significância para as crianças que estão inseridos na escola, ou seja, é necessário o apoio dos pais/responsáveis para que a criança tenha maturidade cognitiva e social. Segundo Andrade, Nicolau e Machado (2015), “com o apoio adequado, compreensão e esforços colaborativos entre escola, família e profissionais especializados, muitos alunos podem superar obstáculos e atingir seu pleno potencial. A chave está na colaboração, empatia e resiliência”.

A cooperação entre família e escola estimula o desenvolvimento da criança como sujeito, visto que ambas desenvolvem habilidades e competências quando instigam o conhecimento da criança, oportunizando seu papel no desenvolvimento intelectual do sujeito. Quanto à união entre família e escola, Picanço (2012, p. 15) diz: “A necessidade de se construir uma relação entre escola e família, deve ser para planejar, estabelecer compromissos e acordos mínimos para que o educando/filho tenha uma educação com qualidade tanto em casa quanto na escola”.

A relação entre escola e aluno é objeto de estudo de muitos autores das diferentes correntes pedagógicas, principalmente na figura do professor versus alunos. O professor, pelo lugar que ocupa, tem enorme influência em seus alunos, a forma como o veem determina não só as relações que estabelecem com eles, mas também a construção da autoimagem.

O papel de um professor é variado, complexo, mas motivador. Pretende-se que um professor seja inovador, dinâmico, comunicativo, crítico e “eficaz.” Ele deve ensinar mas também educar, transmitir conhecimentos mas também inculcar métodos, instrumentos de trabalho e alguns valores fundamentais nos alunos, como, por exemplo, a compreensão e o respeito pelo outro, a entreatada ou a responsabilidade. E ainda desenvolver o espírito crítico, a reflexão mas também a criatividade e a curiosidade em termos de aprendizagem (Picanço, 2012, p. 43).

Compreendemos que quando o professor se responsabiliza pela educação da criança, ele se empenha em conhecer melhor seus alunos e procura novos conhecimentos eficazes para preencher lacunas de acordo com as especificidades de cada uma delas. Assim, também o vínculo afetivo entre professor e aluno contribui para a obtenção da aprendizagem significativa da criança.

Portanto, a figura do professor é essencial na formação do aluno, por criar uma relação de proximidade, contribuindo diretamente com a formação de ideias, valorizando a cultura, religião, costumes, a própria ludicidade que o aluno experimenta fora da escola e, através dessa proximidade, estreita-se o laço de amizade e confiança, tornando o aluno mais confiante dentro da instituição e sobretudo no desenvolvimento intelectual e social, com todos aqueles que estão inseridos na escola, construindo um ambiente dialógico e interativo.

É notório que, em todo o contexto de interação e integração, a educação escolar oferece para o indivíduo o desenvolvimento social, visto que a escola é um ambiente de socialização do sujeito. Portanto, as dificuldades de aprendizagem surgem como fator crítico enfrentado pelos educandos no processo educacional, por não evoluírem nas atividades. Algumas vezes essas dificuldades provêm do próprio ambiente escolar, como afirmam Gonçalves e Crenitte (2014):

As dificuldades e o rendimento escolar podem estar relacionados a problemas afetivos ou ligados à própria escola. Os alunos podem apresentar algumas dificuldades por não se adaptarem à metodologia de ensino usada ou por não terem boa relação com os colegas ou com o professor. A dificuldade de aprendizagem está relacionada a fatores pedagógicos e não são classificadas como transtornos (Gonçalves; Crenitte, 2014 apud Educação Pública, 2021, p. 3).

A importância da afeição entre professor e aluno no ambiente escolar é fundamental no processo de ensino-aprendizagem. O professor planeja a aula, seleciona os conteúdos de ensino, programa atividades, cria condições favoráveis de estudo na sala de aula, estimula a curiosidade e criatividade dos alunos. Entretanto, é necessário que aconteça uma interação mútua entre o professor e o aluno.

Não há ensino se os alunos não desenvolvem suas capacidades e habilidades mentais. Pode-se dizer que o processo didático é baseado em conjuntos de atividades do professor e do aluno, mediados pelo professor para que haja uma assimilação ativa de conhecimentos e desenvolvimento das habilidades dos alunos.

Essas dificuldades aparecem durante a aquisição das competências e podem afetar a assimilação do conteúdo e, diretamente, a aprendizagem. Assim, é necessário identificá-las e minimizá-las o quanto antes, pois quanto mais tempo o aluno viver com a dificuldade escolar, mais seu processo de aprendizagem será afetado (Almeida et al., 2016 apud Educação Pública, 2021, p. 3).

É premente que família e escola se unam na criação de uma aliança tendo em vista conseguir ajudar os educandos de forma que se tornem cidadãos ativos e capazes de agir na sociedade contemporânea. Os pais são os maiores incentivadores dos filhos, principalmente daqueles que têm alguma dificuldade na aprendizagem. A presença dos responsáveis no auxílio da criança, na participação do ensinamento dos filhos, como também no desenvolvimento e crescimento das crianças é primordial.

De acordo com Picanço (2012, p. 36): “Os pais são os primeiros educadores da criança, quanto a isso não restam dúvidas, e ao longo da sua escolaridade, continuam a ser os principais responsáveis pela educação e bem-estar. Os professores são parceiros insubstituíveis na assunção dessa responsabilidade”.

Do ponto de vista social, a falta de apoio em casa, causada por vício em drogas, pela miserabilidade, desemprego e outros problemas socioeconômicos, afeta negativamente a capacidade intelectual da criança em seu processo de aprendizagem. Tais ocorrências direcionam à falta de acesso a recursos de aprendizagem adequados, à falta de um ambiente tranquilo/acolhedor para o estudo e à falta de apoio emocional e intelectual (Jerônimo; Duarte, 2016).

Nessa perspectiva, a escola acaba cumprindo com a responsabilidade da família, pois os familiares, acreditando que a escola sozinha dá conta de suprir a necessidade do aluno, empurra essa atribuição para a escola e, principalmente, para a figura do professor, quando, na verdade, o princípio da educação vem de casa. A escola, por sua vez, vem suprimindo a educação da forma como pode. Picanço (2012, p. 46) afirma que: “A articulação entre a escola e a família podem ajudar a ultrapassar as dificuldades e a contribuir para a aquisição ou a melhoria dos hábitos de estudo ao longo de toda a escolaridade”.

A escola e a família juntas formam um lugar agradável para uma formação sólida do ser humano. Estabelecer relações de compromisso firmes entre escola e família é oferecer para o educando uma educação melhor tanto na escola quanto em casa. Portanto, a responsabilidade dos pais é dar aos seus filhos os cuidados necessários para a vida na sociedade, é importante ensinar regras de comportamento, afeto e carinho. Nesse sentido a criança tem motivação para aprender, brincar e viver em coletividade na escola e no seu dia a dia.

Sem o apoio da família, a criança encontra dificuldade em casa, na escola e na sociedade, visivelmente percebida pelos professores através das atividades extraclasse e pela interação com os demais coleguinhas. Tal situação faz com que a criança não desenvolva por completo os conhecimentos que são trabalhados durante o processo de ensino e aprendizagem em sala de aula, problema que o acompanhará até a idade adulta.

Todavia, é importante lembrarmos que sem união não existe educação. Segundo Picanço (2012, p. 45): “As razões que justificam o envolvimento dos pais no apoio ao processo educativo, são que em primeiro lugar nota-se uma melhoria nos resultados escolares sempre que os pais apoiam os filhos em casa. Em segundo lugar, os pais passam a compreender e a valorizar melhor os professores [...]”. Ou seja, quando a relação na educação é recíproca desenvolve mais conhecimento da realidade e vem aproximar a intimidade entre pais, filhos e escola, dentre outros, de forma que os familiares tenham a compreensão da educação que está em jogo e que os filhos precisam dos pais no processo de maturidade de vida, educando e ensinando as regras da sociedade.

Portanto, tivemos pais que nos matricularam numa escola, incentivaram-nos a estudar, mas não tivemos o mesmo apoio dentro de casa, talvez porque nossos pais não soubessem ler nem escrever. Além disso, os conflitos familiares, as mudanças frequentes de localidades e a falta de estrutura e rotina impactaram negativamente o desenvolvimento intelectual das nossas infâncias, porém é importante reconhecermos e abordarmos esses desafios para promover reflexões de um ambiente que seja favorável à aprendizagem dentro e fora da escola.

Por outro lado, somos frutos das dificuldades de aprendizagem sociais e emocionais, referimo-nos aos desafios relacionados às interações sociais, emocionais e de bem-estar mental, que podem impactar o desempenho acadêmico, científico e profissional do sujeito, isso inclui dificuldades em se comunicar, lidar com o estresse, manter a motivação ou enfrentar situações sociais complexas, bem como questões emocionais, como ansiedade, depressão ou baixa autoestima, que também afetam negativamente a capacidade de aprendizagem.

Acreditamos que na aldeia existem várias razões pelas quais os alunos têm algumas dificuldades de aprendizagem, como o desinteresse dos pais juntamente com a falta de acesso a recursos educacionais. Muitos pais não participam das atividades escolares, não fazem o acompanhamento das tarefas escolares dos filhos em casa, não participam das reuniões escolares e não proporcionam um ambiente de aprendizado para o auxílio de leitura e escrita dos filhos.

A partir dessas experiências e vivências, percebemos que as crianças sentem muitas dificuldades de aprendizagem e desinteresse no que tange o aprender na escola. Então, é necessário que os pais procurem participar e interagir com a escola, fazendo com que família e escola sejam um espaço de diálogo, construção e saber.

#### **4. ATUAÇÃO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA**

A autoestima é muito mais que simplesmente uma reflexão de autoajuda. É um dado científico, real e psicológico que pode influenciar decisivamente o futuro de uma criança, e a família tem um papel fundamental nisso. Os pais não devem ficar debruçados apenas sobre o desempenho acadêmico dos filhos, é necessário buscar características e potencialidades para dar chance às crianças de mostrarem suas habilidades, favorecendo o desenvolvimento, proporcionando um ambiente compreensivo para as dificuldades e criando situações para superá-las. A família e a escola desempenham papéis complementares na formação da criança: a família é responsável pela transmissão de valores, normas sociais e afetividade, enquanto a escola tem como seu papel proporcionar conhecimentos acadêmicos, habilidades sociais e interação com o mundo exterior.

Juntas, essas instituições ajudam a moldar o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança.

A autoestima de uma criança pode influenciar significativamente seu processo de aprendizagem, uma autoestima saudável contribui para a motivação, confiança e perseverança face a desafios acadêmicos. Crianças com boa autoestima tendem a se sentir mais capazes e confiantes em suas habilidades, o que pode resultar em melhor desempenho escolar. Por outro lado, crianças com baixa autoestima podem enfrentar dificuldades para se concentrar, lidar com o fracasso e buscar ajuda quando necessário, o que pode afetar negativamente seu progresso acadêmico. Portanto, é importante promover um ambiente que apoie o desenvolvimento da autoestima positiva nas crianças para otimizar sua aprendizagem.

Na escola, desenvolver a autoestima é consequência de ação global do professor. Propor trabalhos que levem em consideração o que a meninada sabe, valorizar as informações trazidas de casa e ensinar com base nesses conhecimentos são caminhos para fazer com que o ensino ganhe sentido. Ao perceber que não é só o educador que detém todo o saber, o estudante certamente terá sua autoestima elevada, e quando a criança descobre que aprendeu não tem como se sentir fracassada.

É provável que, quanto mais baixa for a autoestima, mais próprias serão as comunicações, devido à incerteza quanto aos próprios pensamentos e sentimentos, devido à ansiedade e à reação do outro. É muito mais fácil influenciar uma criança para que ela realize uma atividade que vá contribuir para sua autoestima.

Na teoria de Piaget, o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes, um cognitivo e outro afetivo, paralelo ao desenvolvimento afetivo. Enquanto, depois de desenvolvido o vínculo afetivo, a aprendizagem e a motivação, como meio para conseguir o autocontrole da criança e seu bem-estar, são conquistas significativas. Atendendo as necessidades afetivas consigo mesma e com os outros, e terão mais facilidade e disposição para aprender (Souza, 2024, p. 1).

O incentivo à autoestima precisa ser integrado aos currículos escolares para apoiar os jovens para que insistam nos estudos e ajudar a prepará-los psicologicamente para um mundo em que a mente é o principal bem que cada um pode ter. O aluno é um ser pensante e criativo, o reconhecimento desse fato tem de estar no centro de toda filosofia educacional, quando se coloca essas funções em primeiro plano nos currículos nutre-se a autoestima.

A inclusão da promoção da autoestima no currículo escolar é importante, um currículo que aborda a autoestima pode ajudar os alunos a desenvolverem uma visão positiva de si mesmos, a lidar

com desafios emocionais e a construir habilidades socioemocionais essenciais. Isso pode ser feito através de atividades, discussões em sala de aula, projetos que promovam a autoexpressão e a valorização de cada aluno, além de combater o bullying e construir relações saudáveis entre os colegas. Uma abordagem holística da educação que inclua o bem-estar emocional dos alunos é fundamental para promover um ambiente de aprendizagem positivo e eficaz.

É necessário que as instituições de ensino se preocupem com a autoestima do professor para que este se sinta motivado e possa despertar nos alunos valores de cidadania. O trabalho do professor é facilitar a percepção da criança para que ela tenha a consciência de seus valores. Toda criança tem seus pontos fortes que precisam ser encontrados, identificados e incentivados.

A criança necessita se sentir protegida e amada, possibilitando a sua integração social e escolar. Cabe aos pais e professores ajudarem a criança a acreditar em si mesma, pois o que ela pensa de si mesma é mais importante do que aquilo que sabe. Portanto, vale salientar que a criança que se sente amada, aceita, valorizada e respeitada adquire autonomia, confiança e aprende a amar, desenvolvendo um sentimento de autovalorização e importância. “A autoestima é uma coisa que se aprende, se uma criança tem uma opinião positiva sobre si mesma e sobre os outros, terá maior condições de aprender.” (Vernon, 1973).

A motivação é percebida por meio do comportamento dos indivíduos e não pode ser diretamente observada. A criança é motivada por uma série de fatores internos e externos e é no seio familiar que ela se torna mais forte. “Um motivo é uma construção – não é observável – ele é criado pela pessoa para explicar a razão ou necessidade que ela tem de fazer algo, de agir de uma determinada maneira.” (Lima, 2000, p. 33).

A interação entre a escola e a família é muito importante para as relações que o aluno apresenta em sala de aula e possui um impacto positivo no seu autoconceito. O afeto é muito importante, pois mantém uma estreita relação com a motivação ou interesse da criança para aprender, é uma poderosa necessidade humana que contribui de maneira essencial para o processo da vida, sendo indispensável para um desenvolvimento normal e saudável e tem valor de sobrevivência. A autoestima positiva funciona como se fosse o sistema imunológico da consciência, fortalece, dá energia e motivação, ela inspira a obter resultados e permite sentir prazer e satisfação diante das realizações. É importante destacar que o afeto é o princípio norteador da autoestima.

A criança em desenvolvimento necessita de um ambiente motivador adequadamente estimulante e propício à aprendizagem, além de um clima de segurança e harmonia nas relações interpessoais da família, onde encontrará apoio, amor e motivação para aprender o novo. “É o amor

[...] que dá impulso à aprendizagem social. É a união de marido e mulher e de pais e filhos em um desempenho de amor dentro das realidades da vida familiar que incentiva a aprendizagem” (Ackerman, 1986, p. 41).

Os laços afetivos formados dentro da família, particularmente entre pais e filhos, podem ser aspectos desencadeadores de um desenvolvimento saudável e de padrões de interação positivos que possibilitam o ajustamento do indivíduo aos diferentes ambientes de que participa.

A família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo, materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, e é em seu espaço que são absorvidos o valor ético e humanitário, em que se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais, assim como a motivação, que é tão importante para que a criança possa obter bons resultados na escola e na vida adulta.

A motivação é como uma espécie de força interna que emerge, regula e sustenta todas as nossas ações mais importantes, sendo uma experiência interna, sua existência e sua natureza são deduzidas a partir da observação e experiências de comportamentos, as variedades de comportamentos motivados se estendem continuamente entre dois polos.

No primeiro pólo o indivíduo apresenta um comportamento no qual se sente forçado a agir de determinada maneira. Assim o comportamento é impulsivo, possivelmente irracional, não intencional ou sem clareza de qualquer objetivo particular ou ainda, o comportamento pode surgir como uma súbita manifestação de atividade estimulada pela percepção de certos acontecimentos e pode desaparecer assim que a situação se modificar, ou seja que o impulso tenha sido satisfeito (Vernon, 1973, p. 61).

Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, motivacional, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva. Os pais têm a oportunidade e, por que não dizer, o dever de desempenhar a função de primeiro professor dos seus filhos, durante o tempo em que estiverem juntos, uma oportunidade para dialogar e observar como a criança está crescendo e moldando a sua personalidade.

## 5. FAMÍLIA E ESCOLA CONEXAS COM AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Práticas pedagógicas referem-se a estratégias, métodos e abordagens utilizados por educadores para facilitar a organização da sala de aula e até as técnicas de ensino e avaliação utilizadas para promover o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos estudantes. Franco (2016) afirma que a prática pedagógica é considerada como prática social, que trabalha na organização para compreender as práticas educativas para assim transformá-las significativamente em práticas educacionais.

As práticas pedagógicas se organizam intencionalmente para atender a determinadas expectativas educacionais solicitadas/requeridas por uma dada comunidade social. Nesse sentido, elas enfrentam, em sua construção, um dilema essencial: sua representatividade e seu valor advêm de pactos sociais, de negociações e deliberações com um coletivo. Ou seja, as práticas pedagógicas se organizam e se desenvolvem por adesão, por negociação, ou, ainda, por imposição. Como já foi realçado, essas formas de concretização das práticas produziram faces diferentes para a perspectiva científica da Pedagogia (Franco, 2016. p. 541).

A autora afirma que a prática pedagógica se desenvolve coletivamente de acordo com os princípios das atividades sociais que são observadas e construídas para serem alinhadas com os projetos educacionais. No entanto, a autora também afirma que mesmo que essas práticas sejam organizadas ou estabelecidas elas não serão eficazes por muito tempo devido às mudanças na realidade social. Essas mudanças exigem que os métodos educacionais sejam adaptados para criar novos planos de aprendizagem que atendam aos novos objetivos educacionais e à comunidade.

É óbvio que os planos educacionais precisam ser adaptados às mudanças sociais, especialmente porque, nos dias de hoje, muitos alunos adolescentes se comportam de maneira agressiva contra professores e familiares. Os estudos não são mais úteis e, por isso, é necessário que a escola se alinhe com a família, tornando o ambiente escolar mais seguro e criando uma comunidade mais unida. Para garantir que as crianças recebam uma educação de alta qualidade, tanto em casa quanto na escola, é necessário estabelecer uma relação entre a família e a escola. Desde a primeira infância, a família fornece os principais laços e o apoio necessários para o crescimento dos filhos, e as condições de vida estáveis, tanto socioeconômicas quanto psicossociais, contribuem para a qualidade do cuidado físico e afetivo social.

A escola é um componente da família e não pode funcionar separadamente para atingir seus objetivos mais elevados. Um futuro melhor para os alunos reflete um futuro melhor para toda a sociedade.

Podemos observar que a relação entre a escola e a família é pouco explorada e pouco desenvolvida, a falta de comunicação entre a própria escola e a família frequentemente resulta em um distanciamento cada vez maior. A escola deve se esforçar para oferecer um projeto diversificado que atenda às características e demandas de uma comunidade educativa cada vez mais diversa, pois a intensidade do contato é crucial. Por isso, deve oferecer uma maior variedade de maneiras pelas quais os pais podem participar, incluindo reuniões regulares, principalmente encontros a dois, para fortalecer ambas as partes no interesse do fortalecimento educacional dos filhos.

É muito importante essa aproximação para habituar os pais a estarem mais informados nas questões dos filhos, principalmente para famílias com pouca frequência nos programas escolares. Os pais de classe média acessam mais facilmente a maioria dos programas de envolvimento das famílias, então é necessário desenvolver métodos que facilitem a participação das famílias de classes socioeconômicas mais baixas, pois suas crianças precisam de apoio na escola e muitas vezes em casa não têm proteção, ajuda, auxílio, assistência no estudo e nas tarefas diárias, como trabalhos de casa, e acabam abandonando a escola porque não têm outra opção.

A família que está por trás do sucesso escolar, salvo exceções, ou conta com uma mãe em tempo integral ou uma supermãe, no caso daquelas que trabalham muitas horas exercendo o papel de professora dos filhos em casa, ou contratando professoras particulares para as chamadas aulas de reforço escolar e até mesmo psicólogas e psicopedagogas, nos casos mais difíceis (Carvalho, 2000, p. 144).

A participação dos pais na vida escolar dos filhos tem demonstrado ser crucial para o sucesso escolar, por isso devem ser incentivados a pensar em vários aspectos da educação e da psicologia de seus filhos para melhorar o desempenho escolar, na medida em que o diálogo entre a escola e a família geralmente funciona para manter o desempenho escolar equilibrado.

Os professores não podem superar esses desafios quanto ao envolvimento dos pais por conta própria. No entanto, eles podem ajudar mudando a perspectiva, acreditando nos benefícios, pressionando as autoridades escolares para que criem ambientes que permitam a participação dos pais e solicitando a colaboração de outros educadores. Quando a família e a escola estão em boas relações, é possível alcançar os melhores resultados para o aprendizado e desenvolvimento da criança. Assim, os pais e educadores devem ser incentivados a discutir e buscar maneiras de trabalhar juntos e ajudar uns aos outros.

A vivência na escola de uma cultura participativa entre pais/encarregados de educação e professores depende, em grande parte, da relação que estes protagonistas desencadeiam e que se torna determinante para o eficaz desenvolvimento do aluno. A importância da participação dos pais na vida escolar

dos filhos tem apresentado um papel importante no desempenho escolar. O diálogo entre a família e a escola, tende a colaborar para um equilíbrio no desempenho escolar. O envolvimento dos pais com a escola deve favorecer a reflexão de diferentes aspectos pedagógicos e psicológicos dos seus filhos, com vista a melhorar, de modo efetivo, o seu desempenho escolar (Picanço, 2012, p. 41).

A possibilidade de transformações evolutivas nos níveis cognitivos, afetivos, sociais e de personalidade dos alunos está associada aos benefícios de uma boa integração entre a família e a escola, isso inclui a comunicação verbal entre a mãe e a criança, um relacionamento afetivo positivo entre os pais e a criança, as crenças e o impacto dos pais sobre os filhos.

A colaboração entre a escola e a família pode ajudar a superar os obstáculos e promover hábitos de estudo melhores ao longo da escolaridade. Demonstrar interesse nos estudos, ajudar a organizar o espaço e o tempo e fortalecer nas dificuldades são atitudes de amor e incentivo para que o filho não desanime no primeiro obstáculo, e ferramentas que os pais devem usar a seu favor. Portanto, existem várias maneiras pelas quais os pais podem ajudar seus filhos a se sentirem valorizados e acompanhados, além de desenvolverem hábitos e gosto pelo estudo, mantendo um contato constante com a escola.

Ressaltamos ainda que a participação da família no apoio educativo em casa tem enormes e claras vantagens para os alunos e os pais. Picanço (2012, p. 46) afirma que “os pais podem ter um papel determinante na fixação de expectativas realistas e de normas de conduta corretas, no desenvolvimento da curiosidade intelectual e no aumento do gosto pela aprendizagem”. Como já foi explicado, os pais desempenham um papel importante na criação de expectativas realistas e padrões de conduta, no despertamento da curiosidade intelectual e no aumento do interesse de aprender.

As escolas têm contado com a contribuição acadêmica da família [...] construindo o currículo (e o sucesso escolar) implicitamente com base no capital cultural similar herdado pelos alunos, isto é, com base no habitus ou sistema de disposições cognitivas adquiridas na socialização primária ou educação doméstica, o que supõe afinidade cultural entre escola e família [...] (Carvalho, 2000, p. 144).

É essencial que os pais ajudem seus filhos a melhorarem a vida escolar, procurando um ambiente tranquilo para estudar, observando regularmente a caderneta do aluno, conversando com o filho sobre a escola etc. Os pais devem participar da educação de seus filhos não apenas em casa, mas também na instituição educacional.

O trabalho de um professor é diverso e complicado, mas também inspira. Um professor deve ser inovador, comunicativo, crítico e eficaz. Ele não só deve ensinar, mas também compartilhar conhecimento, instigando princípios essenciais nos alunos, como respeito, compreensão e

cooperação, e, em termos de aprendizagem, desenvolver a capacidade de pensar criticamente, a reflexão, a criatividade e a curiosidade.

Houve uma época que os pais deixavam seus filhos frequentarem a escola para que ela assumisse a responsabilidade pela educação deles a partir de então. Por outro lado, professores e diretores achavam que os pais tinham pouco a contribuir para o currículo escolar e que deviam somente participar de reuniões para entrega de notas. Essa é uma realidade que ainda existe, pois muitos pais vão à escola apenas para buscar notas, mantendo-se ausentes. Na verdade, ambos têm as suas responsabilidades, como pais e professores, no que diz respeito à educação da criança, como já foi falado mais acima, pois, ainda que com papéis diferenciados, devem caminhar juntos e com o mesmo objetivo.

De acordo com Laureau (1987, p. 308):

Quando os professores consideram os pais como parceiros, eles desenvolvem estratégias de acompanhamento e auxílio sistemático aos filhos, promovem uma melhor interação entre os vários níveis curriculares, o que possibilita, ao aluno, usar todo o seu potencial. E, ao contrário, se os professores estabelecem um contato distante, rígido, baseado apenas no conteúdo, os pais também adotam essa postura e percebem a relação com a escola como um momento que gera ansiedade e frustração. Como nem todos os pais tiveram boas experiências no período de sua escolarização, tal fato faz com que eles transmitam percepções negativas da escola para os seus filhos e adotem uma postura distante e desconfiada.

É necessário que os professores aceitem a responsabilidade de se comunicar com os pais de forma clara, direta e compreensível para estabelecer uma relação eficaz com a escola. O sucesso da parceria entre pais e professores depende da compreensão de várias questões que envolvem a educação, incluindo o aluno e sua história escolar, e considera que pais e educadores afetam a criança de maneira relativamente semelhante, entendendo que pais e educadores devem ser honestos uns com os outros, aprendendo a se adaptar e concentrando seus esforços na criança.

Quando se trata de seu bem-estar e desenvolvimento, todos esses elementos são pertinentes em nosso contexto sociocultural, e é necessário promover a relação família-escola. Isso é baseado nas diferenças sociais e regionais que caracterizam nossa cultura, bem como nas condições reais de execução de projetos de pesquisa.

Esse conjunto de práticas parentais deve ser adaptado à escolaridade dos alunos, à estrutura e ao núcleo familiar, bem como ao contexto em que a escola e a criança estão inseridas. Isso ocorre porque todos esses elementos têm um impacto significativo, não apenas no envolvimento dos pais na escola, mas também no progresso, crescimento e desenvolvimento da criança.

Para o bem-estar do educando, todos devem trabalhar juntos. O cuidado e a educação exigem o estudo, a dedicação, a cooperação, a cumplicidade e, principalmente, o amor de todos os responsáveis pelo processo, que é dinâmico e sempre está em desenvolvimento, evolução e aperfeiçoamento.

Podemos afirmar que a família e a escola desempenham juntas a mesma função de ajudar no desenvolvimento e na formação de cidadãos ativos e benéficos para a sociedade. Nas relações entre a família e a escola devem existir atitudes que conduzam a uma cooperação em que reine o diálogo, o respeito, a verdade e a tolerância. Essas atitudes devem ser desenvolvidas com o objetivo único da educação, que é o crescimento e o desenvolvimento saudáveis dos alunos.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de intervenção pedagógica age na avaliação da eficácia de diferentes estratégias, incluindo o apoio educacional individualizado, adaptações curriculares, terapias específicas e suporte psicossocial, promovendo o crescimento e o desenvolvimento da aprendizagem do aluno. O reconhecimento do papel dos educadores e da escola no apoio aos alunos com dificuldades de aprendizagem inclui a necessidade de formação continuada e de práticas inclusivas, além de um ambiente escolar mais acolhedor, respeitoso e de grande importância.

Foram várias as vivências aprendidas sobre os motivos pelos quais um aluno não consegue aprender ou acompanhar seus colegas. Há muitas causas por trás de todos esses problemas. Entender as causas, os efeitos e as estratégias de intervenção para lidar com as dificuldades de aprendizagem é crucial para garantir uma educação inclusiva e de qualidade para todos os alunos.

A identificação precoce e o apoio adequado podem fazer uma grande diferença na vida acadêmica e no desenvolvimento pessoal dos estudantes. Além disso, abordar esse tema contribui para uma maior sensibilização e conscientização sobre as necessidades individuais dos alunos, promovendo uma cultura de respeito à diversidade e à igualdade na educação.

As dificuldades de aprendizagem têm sido cada vez mais incorporadas nas políticas públicas educacionais, refletindo um reconhecimento da importância de garantir uma educação inclusiva para todos os alunos. Tais políticas públicas geralmente incluem medidas para atender, identificar e apoiar alunos com necessidades e especificidades de aprendizagem, fornecendo recursos adicionais, bem como treinamento para professores, adaptando currículos e métodos de ensino para atender às necessidades individuais dos alunos, além de promover uma cultura de inclusão e aceitação nas

escolas, combatendo o estigma associado às dificuldades de aprendizagem e garantindo que todos os alunos tenham acesso igualitário a oportunidades educacionais.

Este trabalho teve relevância por promover, através dos teóricos, a experiência que nos trouxe inúmeras descobertas, pois, com o diagnóstico precoce das dificuldades de aprendizagem, podemos sanar o problema logo no começo. Com este artigo vimos que uma educação inclusiva e de qualidade é extremamente necessária, pois os desafios enfrentados por estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem confirmam a necessidade urgente de práticas pedagógicas que atendam às diversas necessidades dos alunos, e essas práticas precisam ser equitativas e eficazes.

Compreendemos que a família constitui um elemento fundamental para assegurar a sobrevivência e a proteção integral dos filhos e de todos os seus integrantes, independentemente do tipo de arranjo familiar ou da forma como se organiza. É nesse contexto que a família proporciona os recursos afetivos e, principalmente, materiais essenciais ao desenvolvimento e ao bem-estar de seus membros. Além disso, exerce uma função crucial na educação, tanto formal quanto informal, sendo o ambiente onde se assimilam valores éticos e humanitários e se fortalecem laços de solidariedade. Dentro dessa estrutura também se formam as marcas intergeracionais e se manifestam valores culturais, além de proporcionar a motivação necessária para que as crianças alcancem êxito escolar e se desenvolvam positivamente na vida adulta.

Ao longo deste trabalho, aprendemos que as dificuldades de aprendizagem são multifacetadas e exigem uma abordagem holística e colaborativa e compreendemos a importância da empatia e da paciência no trato com alunos que enfrentam esses desafios e a necessidade de um ambiente educacional inclusivo e adaptável. Além disso, ficou claro que a educação inclusiva não é apenas uma responsabilidade dos educadores, mas de toda a comunidade escolar, incluindo familiares e profissional de apoio.

Finalmente, este trabalho reforçou a importância de continuar pesquisando e desenvolvendo novas práticas e políticas educacionais que promovam a inclusão e a equidade no ambiente escolar, já que a educação de qualidade deve ser acessível a todos, independentemente das dificuldades individuais de aprendizagem, e é nosso dever, como educadores e pesquisadores, contribuir para essa realidade.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Ana Rosa; LARANJEIRA, Meia Inês; NOGUEIRA, Neide; SOLINO, Rosaura. **Referenciais para formação de professores polivalentes**: propostas para organização curricular e institucional. Agosto de 1998.

ALMEIDA, Roselaine Pontes de et al. Prevenção e remediação das dificuldades de aprendizagem: adaptação do modelo de resposta à intervenção em uma amostra brasileira. **Rev. Bras. Educ.**, v. 21, nº 66, p. 611-630, 2016.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 3 ed. São Paulo: ARS Poética Editora, 1994.

ALVES, Rubem. **O desejo de ensinar e a arte de aprender**. Campinas: Fundação EDUCAR DPaschoal, 2004.

ANDRADE, O. V. C. NICOLAU, A. A. MACHADO, A. C. **A importância das propostas de identificação e intervenção precoces para a educação brasileira**. Tópicos em transtornos de aprendizagem: parte IV, 160. 2015

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. Centro de Educação UFPB. **Cadernos de pesquisa**, p. 143-155, jul./2000. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10400.26/2264> , acesso: 30 de Abril de 2024

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. editora Paz e Terra Ltda. av. Rio Branco, 156. Rio de Janeiro. 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 26ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Rev. bras. Estud. pedagog. Brasília**, v. 97, p. 534-551, set./dez. 2016. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar>. Acesso: 01 fer. 2024.

GONÇALVES, Thaís dos Santos; CRENITTE, Patrícia Abreu Pinheiro. Concepções de professoras de Ensino Fundamental sobre os transtornos de aprendizagem. **Rev. Cefac**, v.16, nº 3, p. 817-829, 2014.

GOMES, Cristiane Patrícia Rocha; PENHA, Pedro Xavier da. Mapeando as principais dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental: estudos na Revista Cefac. **Revista Educação Pública**, v. 21, nº 11, 30 de março de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/11/mapeando-as-principais-dificuldades-de-aprendizagem-nos-anos-iniciais-do-ensino-fundamental- estudos-na-irevista-cefaci>.

JERÔNIMO, S. DUARTE, F. J. **Dificuldade de aprendizagem**: a importância do fazer do professor para inclusão do aluno disléxico. II Congresso Internacional de Educação Inclusiva. Ed. Realize, 2016.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Maria de Andrade. PRESOTTO, Zelia Maria Neves. **Metodologia Científica**. 7º ed. São Paulo: Editora Atlas, 2019.

LAUREAU, A. Diferenças de classe social nas relações família-escola. A importância do capital cultural. *Sociologia da Educação*. 1987.

LIMA, Luana M. S. **Motivação em sala de aula**: a mola propulsora da aprendizagem. In SISTO, Fermio Fernandes; OLIVEIRA, Gislene de Campos; FINI, Lucila Dihel Tolaine (Orgs). *Leituras de Psicologia para Formação de Professores*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MIRANDA, Maria do Socorro Barbosa de. **Memória e escrita de si no Diário íntimo de Lima Barreto**. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2019.

PICANÇO, Ana Luísa Bibe. **A Relação entre Escola e Família: as suas implicações no processo de ensino-aprendizagem**. LISBOA, maio de 2012. Tese de Doutorado. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742000000200006>, acesso: 21 de Abril de 2024.

POLONIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família escola. **Psicologia escolar e educacional**, v. 9, p. 303-312, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572005000200012> , acesso: 10 de Mai. de 2024.

SOUZA, Maria do Rosário Silva. **Afetividade**: A questão afetiva se bem atendida ajudará seu filho para que tenha êxito na escola. *Saúde e vida online*. Acessado em: <https://www.saudevidaonline.com.br/artigo53.htm>. Disponível em: 28 de junho de 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ. Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia. Campus Binacional. **Regulamento do estágio supervisionado do curso de licenciatura em pedagogia**. Oiapoque, 2019.

VERNON, Magdalen Dorothea. **Motivação Humana**. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

VINHA, Telma. **O papel da escola e da família na formação das crianças**. Nova escola, 2016. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/8553/o-papel-da-escola-e-da-familia-na-formacao-das-criancas>. Acessado em: 05/11/2023.

*Data de submissão: 28/07/2024*

*Data de aprovação: 25/09/2024*